

Trabalhos de campo na disciplina Geografia: estudo de caso em Ponta Grossa, PR

Rosangela Justen-Zancanaro

CHALEC/Unidavi. Centro Univ. para Desenv. Alto Vale do Itajaí.

rosangela@unidavi.edu.br

Celso Dal Ré Carneiro

Depto. Geociências Aplicadas ao Ensino, Instituto de Geociências, Unicamp.

cedrec@ige.unicamp.br

ABSTRACT *Teaching methods based on field activities make a closer approximation between the studied object and students. Fieldwork yields an excellent learning environment, promotes group socialization and allows to consider both the prior knowledge of the student and the local reality as well. A research on field activities in the Geography discipline of basic education schools was developed. The research aimed to investigate whether or not fieldwork is done by teachers of public and private schools of Ponta Grossa municipality, PR. It has been found that more than 50% of the consulted geography teachers apply field methodologies. Difficulties to carry out field activities were also identified: (a) lack of financial support for students, (b) liabilities that a teacher must assume when taking a student out of the school environment, and (c) lack of time for preparation. The research has largely confirmed the initial hypothesis: the participant teachers attribute a great value for this didactic resource because they get good results from it. Even those who do not attach great importance to the activities. **Citation:** Justen-Zancanaro R., Carneiro C.D.R. 2012. Trabalhos de campo na disciplina Geografia: estudo de caso em Ponta Grossa, PR. *Terræ*, 9(1-2):49-60. <<http://www.ige.unicamp.br/terrae/>>.*

Keywords: *Methodology of teaching, fieldwork, Geography teaching, Ponta-Grossa-PR, Geosciences.*

RESUMO *Métodos de ensino baseados em atividades de campo aproximam o objeto estudado do estudante, pois o campo oferece ótimo ambiente, promove socialização e permite considerar tanto o conhecimento prévio do aluno como a realidade que o envolve. O quadro, favorável, motivou pesquisa com professores de educação básica sobre atividades de campo da disciplina Geografia em Ponta Grossa, PR. O questionário de pesquisa objetivou investigar a realização ou não de trabalhos de campo em Geografia, envolvendo escolas públicas e particulares. Verificou-se que mais de 50% dos professores de Geografia consultados aplicam metodologias de campo. Identificaram-se dificuldades que levam à não-realização, como: (a) aspectos de ordem financeira dos alunos, (b) responsabilidades do professor ao retirar o aluno do ambiente escolar, e (c) falta de tempo para preparação. A pesquisa confirmou amplamente a hipótese inicial de que os professores consultados valorizam tal recurso didático porque obtêm bons resultados. Mesmo aqueles que não as realizam atribuem grande importância para tais atividades.*

Palavras-chave: *Metodologia de ensino, trabalhos de campo, Ensino de Geografia, Ponta Grossa, Geociências.*

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia tem passado por profundas modificações. Muitas vezes a disciplina foi concebida como mera descrição e retransmissão de dados e informações, cabendo aos alunos memorizá-las. No entanto, após reformulações dessa ciência, questionou-se o papel da Geografia para a vida do aluno. Passaram a ser considerados também o saber e a realidade que o envolve, aspectos que podem servir de ponto de partida e referência para estudo do espaço geográfico. A Geografia é ainda uma ciência caracterizada pela somatória de contribuições multidisciplinares que permitem definir e caracterizar um lugar, possibilitando ao indivíduo condições de compreender a paisagem que o cerca.

A ciência pode ser ativa no desenvolvimento de ações multi-integradoras, visando conservação, recuperação ou preservação do ambiente. Os processos que culminam na formação do saber geográfico podem ser equacionados e/ou solucionados de várias formas. No ensino, são adotadas diferentes metodologias dentre as quais uma, de extrema importância para o ensino de Geografia, é representada pelas atividades de campo. O professor dessa ciência, por ser também um indagador do espaço construído pelas sociedades, pode desempenhar papel fundamental ao auxiliar o aluno no processo de compreensão e questionamento da dinâmica espacial, por meio da investigação do espaço de vivência.

A pesquisa aqui descrita teve o objetivo de investigar a realização ou não de trabalhos de campo em Geografia, em estabelecimentos de ensino público e particular, no ensino fundamental e médio em Ponta Grossa (PR) (Justen 2010). Foram pesquisados (Justen e Carneiro 2009): os locais das saídas de campo, motivos da escolha de locais, realização de trabalhos interdisciplinares e existência de avaliações pós-trabalho de campo. Para objetivar a classificação didática das saídas, o estudo baseou-se na classificação proposta por Compiani e Carneiro (1993).

A hipótese inicial para realização da pesquisa é a de que se poderia atingir número repre-

sentativo de professores de educação básica no município e que, dentro desse conjunto de participantes da pesquisa, a maior parte valorize os trabalhos de campo como recurso didático, tanto em função das respectivas experiências pessoais quanto pelo fato de que recolhem bons resultados da utilização de atividades de campo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi edificada a partir da aplicação de questionário junto aos professores que ministram a disciplina de Geografia em escolas públicas e privadas do município de Ponta Grossa, focando para o tema trabalhos de campo. Segundo Theodoro e Theodorson *apud* Fachin (2006):

“(...) o questionário é um modelo ou documento em que há uma série de questões, cujas respostas devem ser preenchidas pessoalmente pelos informantes, tendo como intuito, a coleta de informações” (Theodoro e Theodorson *apud* Fachin 2006, p. 158).

A opção por esse método deu-se por motivos como: (1) número expressivo de escolas nas quais deveria ser aplicado o questionário, (2) o pesquisado pode responder às questões no momento que achar conveniente e (3) o fato de as escolas serem geograficamente dispersas no município. O questionário apresenta questões abertas e fechadas:



Figura 1. Localização do município de Ponta Grossa, PR

1. Questões abertas são as que permitem que o pesquisado discorra espontaneamente sobre as perguntas; é livre a deliberação e escolha das respostas, sem quaisquer limitações e mediante uso de linguagem própria. As respostas a questões abertas ajudam a “detectar melhor a atitude e as opiniões do pesquisado, bem como sua motivação e significação” (Fachin 2006, p. 163).

2. Nas questões fechadas, o pesquisado atribui cada resposta de acordo com um conjunto de categorias previamente elaboradas e que fazem parte da própria pergunta. As questões fechadas direcionam o pesquisado para alternativas existentes, devidamente estruturadas (Fachin 2006, p. 165).

O questionário foi elaborado levando-se em consideração os objetivos pretendidos com o trabalho, sendo estruturado em três blocos:

Na primeira parte do questionário, buscou-se a caracterização profissional de cada professor envolvido na pesquisa. Para tanto, foram consideradas a formação acadêmica – graduação e pós-graduação do entrevistado – e o tempo de atuação no magistério. Pretendeu-se, com isso, detectar se a instituição, o ano de conclusão e o tempo de atuação no magistério são pontos relevantes e influentes quanto à realização ou não de atividades de campo em Geografia.

Na segunda parte, as questões referem-se às metodologias utilizadas pelos professores de Geografia ao ministrarem suas aulas. Nessa etapa do questionário investiga-se o procedimento dos professores que utilizam atividades de campo como metodologia de ensino – incluindo frequência, locais escolhidos para desenvolver a atividade, preparação do trabalho de campo, classificação das atividades, existência ou não de trabalhos interdisciplinares, interesse dos alunos e atividades desenvolvidas pós-atividade de campo.

Em um terceiro momento, buscou-se conhecer, junto ao pesquisado, a importância que este atribui aos trabalhos de campo, independentemente de aplicar ou não tal metodologia como recurso no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia.

A pesquisa foi realizada em trinta escolas do município, o que correspondeu a 32,96% do total existente, que apresentam ensino médio ou ensino fundamental com terceiro e quarto ciclos. As escolas foram eleitas levando-se em consideração sua dispersão no município, tendo como intenção a escolha de pelo menos uma escola de cada bairro. O levantamento foi realizado entre os meses de

outubro/2008 a março/2009. O primeiro contato foi feito pessoalmente com direção ou assessor pedagógico de cada unidade escolar, sendo entregue carta explicativa sobre a pesquisa, e após aproximadamente 15 dias o questionário era coletado. Entretanto, das escolas selecionadas e visitadas para a pesquisa, duas não responderam, totalizando 95% de devolutivas das pesquisas, o que corresponde a 46 professores envolvidos na pesquisa.

IMPORTÂNCIA E POTENCIAL DAS ATIVIDADES DE CAMPO

Trabalhos de campo, como recurso educacional e atividade destinada a facilitar a aprendizagem, precisam ser planejados de acordo com clara proposta pedagógica. Ao se executar trabalhos de campo, é essencial a análise escalar dos ambientes, pois partindo de um estudo local (possibilitado pelas atividades de campo), a percepção de contextos mais distantes acontece por meio de contextos mais significativos: “o focar para a relação local/global aponta para a necessidade das metodologias de estudos do meio e trabalhos de campo” (Compiani 2007, p. 32).

Segundo Nidelcoff (1979), em sua obra *a escola e a compreensão da realidade*, quando se estuda o meio, deve-se ver e analisar a realidade; fomentar nas crianças uma atitude de curiosidade, observação e crítica diante da realidade e iniciar as crianças no estudo da geografia. Ainda para a autora:

“(…) a escola tem que ajudar a criança, para que, em seu processo de crescimento, ela vá compreendendo a realidade que a cerca e nela vá se localizando lúcida e criativamente. Esse processo a inicia na realidade imediata, com o meio: aprende a VER no mesmo, para em seguida estender seu olhar na direção dos horizontes mais largos. O primeiro objetivo, portanto, é este: aprender a ver e analisar a realidade. Outro objetivo é o de fomentar nas crianças uma atitude de curiosidade, observação e crítica diante da realidade” (Nidelcoff 1979, p. 11).

O campo é “cenário de geração, problematização e crítica do conhecimento, onde o conflito entre o real e as ideias ocorre com toda a intensidade” (Compiani e Carneiro 1993, p.11). Neste sentido o trabalho de campo pode possibilitar ao aluno construir um conhecimento próximo de seu cotidiano; é também no campo que o aluno poderá questionar informações e conceitos vistos em sala de aula e não compreendidos até então.

Um estudo analítico das saídas de campo desenvolvidas na disciplinas Ciência do Sistema Terra I e II da Unicamp (Carneiro et al. 2008) considera o campo um componente essencial, porque estimula o aluno a conquistar seu próprio aprendizado, seja na forma individual ou coletiva. Ainda segundo os autores, um dos objetivos didáticos das atividades de campo é estimular os alunos a exercitar o típico raciocínio geológico.

“No campo os alunos devem aprender mediante participação ativa dos professores, cuja função é a de facilitadores da aprendizagem. As práticas de ensino buscam desenvolver nos alunos a criatividade, a habilidade de observar e compreender os processos naturais, a capacidade de analisar e integrar diferentes tipos de informação e habilidades de pensamento cíclico. Os estudantes e professores realizam conexões mentais para interpretar o registro gravado nas rochas.” (Carneiro et al. 2008, p. 131)

Em documento que defende práticas de campo em cursos de graduação em Geologia, Carneiro (2008) salienta que “o campo é o local onde todos os cinco sentidos humanos são requeridos e participam da observação”. Esse fato faz de atividades de campo imprescindíveis para estudo de fenômenos e conceitos que acontecem no espaço:

“(…) a visão, para olhar os detalhes do local visitado, suas cores e brilhos (...); a audição, para perceber a passagem da água em um córrego, o ruído do vento na vegetação, o som de animais e pássaros (...) o tato é não apenas para o geólogo perceber nas mãos a aspereza ou suavidade da aspereza de uma rocha, mas, sobretudo para sentir a noção de ‘ambiente’ natural. O contato direto com a natureza proporciona desgaste físico, mas também a necessária sensação de frio-calor, úmido-seco. O olfato (...) precisamos dele para aproveitar tudo o que existe para ser notado no campo, desde o cheiro das rochas, os aromas da vegetação, o cheiro familiar da argila úmida, exalado pela ação de determinadas bactérias, os cheiros desagradáveis de eventuais contaminações (...) o paladar, que acompanha as percepções olfativas, ou pode entrar diretamente na apreciação dos materiais que examinamos, como sedimentos argilosos, os sais de evaporitos e outros materiais; estes últimos fazem parte do mesmo aprendizado, porque a prudência nos ensina a testá-los, todos, com grande cautela. Essa é talvez a mais difícil habilidade a ser adquirida no campo” (Carneiro 2008).

O campo é também excelente “ambiente de ensino”, que pode auxiliar na aprendizagem dos

alunos, visto que proporciona o contato direto com os objetos e os fenômenos concretos que estão sendo estudados (Compiani 1991). Uma das características que tornam as atividades de campo essenciais é o fato de proporcionarem contato direto com o meio, permitindo que o aluno conceba o ambiente não fragmentado e a interação dos fenômenos, de modo a distinguir as relações que ali existem e se efetivam.

“(…) no ensino, o papel das atividades de campo está atrelado à proposta pedagógica da disciplina na qual as atividades se inserem e à concepção do professor acerca do que é ensinar, do que é aprender e de seu entendimento de como se processa o conhecimento” (Fantinel 2000, p.11).

Se o conhecimento é adquirido pelo aluno por intermédio de informações repassadas pelo professor e posteriormente memorizadas, o campo servirá apenas de modelo do que já foi estudado em sala de aula, mera ilustração (Compiani e Carneiro 1993); nesse sentido, o papel do campo torna-se limitado. Entretanto, se na proposta pedagógica o ensino é centrado no aluno, a ênfase volta-se para processos de aquisição do conhecimento pelo aluno; “a metodologia fundamenta-se no estágio cognitivo, interesse e ritmo de aprendizado do aluno, e não em mecanismos de transmissão do saber pelo professor aos alunos” (Fantinel 2000, p.11). O campo assume papel relevante para aquisição do conhecimento. O aluno desenvolve seu próprio ritmo de aprendizagem para adquirir o conhecimento e deixa de ser receptor de informações; o aluno participa ativamente da aprendizagem.

Em cursos de Geografia, Scortegagna (2001) menciona que atividades de campo “são fundamentais para colocar o estudante em contato com o meio, e possibilitar sua percepção da inter-relação entre os aspectos físicos e humanos” (Scortegagna 2001, p.17), pois levam o aluno a observar e também a questionar seu espaço de vivência. O aluno produz seu próprio conhecimento e pode agir e ser um agente transformador do meio. Poderá, ainda, compreender as relações que existem entre aspectos físicos e humanos no espaço, até perceber que o espaço está em constante movimento, é dinâmico, não-estático, nem fragmentado.

De acordo com Corrêa (1996), o campo é um meio onde o geógrafo aprende a ver, analisar e refletir sobre o infindável movimento de transformação que o homem realiza no espaço, é no campo que o

aluno/pesquisador poderá perceber todo o dinamismo do espaço. As relações que ocorrem no espaço, atualmente, são rápidas e dinâmicas. Nem sempre o livro didático, ou o discurso do professor, consegue transpor analogias ou demonstrações claras e didáticas para explicar os fenômenos. Uma saída de campo possibilita visualizar os fatos e, ao mesmo tempo, superar a mera visualização, porque ali podem ser utilizados os cinco sentidos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

“Os estudos de paisagens urbanas e rurais, com toda a sua problemática, podem em grande parte ser desvendados pela observação direta dessas paisagens. Uma excursão a um sítio ou a alguma fazenda garantirá um contato direto com o solo, a vegetação e as formas de organização da produção (...). Nesse sentido, pela natureza do seu objeto de estudo, a Geografia está aberta a uma infinidade de recursos para a motivação do aluno. Aliás, o trabalho com projetos permite tanto o aprofundamento de determinadas temáticas, conforme as realidades de cada lugar, como maior flexibilidade no planejamento do professor.” (Brasil 2001)

Uma outra oportunidade oferecida pela realização das atividades de campo é o fato de possibilitarem socialização maior do grupo inteiro. O campo é lugar e momento ideal para reforçar laços afetivos, não somente com a Natureza, mas também entre os membros do grupo (Berger et al. 1998, p.74). Como o ambiente é diferente da sala de aula, isso pode aumentar a socialização entre os alunos, pois a rotina da sala é quebrada, possibilitando maior integração do grupo. Atividades de campo podem estreitar relações dos alunos entre si e também com os professores. São atividades que se estendem muito além da ajuda na assimilação e compreensão de conteúdos específicos; podem influir na modificação de atitudes e na formação da personalidade (Tomita 1999). O campo induz os alunos a praticar atitudes que mais tarde podem ser úteis na vida social e também profissional.

Na execução dos trabalhos de campo, o professor necessita ser um elo de motivação para despertar o interesse dos alunos, questionando e aguçando a curiosidade, de forma que os alunos sintam a importância e a necessidade da metodologia, essencial na aquisição do conhecimento geográfico. O campo permite que o aluno desenvolva “maior interesse, colaboração e integração, inclusive naqueles que, em outro contexto de

aprendizado, se mostram indiferentes ao processo” (Fantinel 2000, p.65). As atividades de campo poderão desenvolver no aluno habilidades e capacidades importantes para uma formação integral. Não só isto, mas também poderá ser desenvolvida no aluno motivação para que este enriqueça suas discussões teóricas, colocando sua opinião e tirando suas dúvidas de forma mais livre. Dessa forma, os alunos podem organizar relações com o real, com a paisagem que os cerca e que faz parte de seu cotidiano. Pela possibilidade de contato direto com o meio e com o objeto estudado, o trabalho de campo facilita o aprendizado, pois desencadeia o processo de conhecimento e reconstrução de conceitos. O campo influencia também a compreensão de fatores sócio-ambientais intrínsecos à transformação do espaço pelo homem.

Outra contribuição de trabalhos de campo, segundo Lesting e Sorrentino (2008), é o fato de as práticas conectarem o indivíduo ao meio em que ele vive, ao meio natural, aumentando o sentimento de pertencimento à vida e ao mundo. Na vida urbana, em geral há um distanciamento do ser humano do meio natural: dos rios, das terras, dos vales, das montanhas, do prazer causado por uma brisa ou do medo provocado por fenômenos naturais. Compiani (2007) enfatiza a importância das escalas como estratégia de aproximação e apreensão do real:

“O uso de trabalhos de campo por professor e alunos pode orientar o questionamento sobre velhas disciplinas, aperfeiçoando novas linhas teóricas na tentativa de entendimento mais amplo das relações entre local/global e entre disciplinas escolares científicas e a transversalidade (entendida como educação não disciplinar, conforme defendida por Gallo 2000) é um olhar, até então quase inexistente no ensino de ciências, para a categoria geocientífica ‘lugar’ como locus de ligação com o todo, uma interação sutil da particularidade e da generalização. É um olhar para o ambiente, que entrou em pauta para todas as ciências a partir da crise sócio-ambiental, antiga na história da humanidade, mas inescapável de ser enfrentada neste novo milênio”. (Compiani 2007, p.31)

O contato direto com a realidade, com o objeto de estudo, é uma ação pedagógica com grande potencial, a ser encarada como um prolongamento das aulas. Outra significativa contribuição que as atividades de campo oferecem, ao serem utilizadas, é o fato de as atividades focarem para a questão da relação local/global:

“O trabalho de campo pode ser utilizado, no ensino, como estratégia em que todas as coisas podem tomar parte de um processo maior: o efeito holográfico. A idéia é enfrentar a dominante fragmentação do conhecimento, que bloqueia os mecanismos de análise de problemas reais ao não facilitar a relação de conceitos, procedimentos e de atitudes, trabalhados em diferentes disciplinas do currículo.” (Compiani 2007, p.32)

PAPÉIS DIDÁTICOS DAS ATIVIDADES DE CAMPO

Muitos professores, ao utilizarem atividades de campo em suas aulas, o fazem somente para exemplificar conteúdos e conceitos vistos ou trabalhados em sala de aula, não atentando para outras possibilidades que as atividades oferecem. É inadequado dizer que tal postura seja errada ou inválida, mas é relevante admitir outras formas de se trabalhar conteúdos e conceitos quando se realizam atividades de campo. Nos casos de professores que as usam somente como exemplificação, parece válido supor que desconhecem outros modos de utilização.

Há várias formas de desenvolver uma atividade de campo, dependendo do objetivo que o professor deseja alcançar com o trabalho. O aluno não precisa ser mero espectador, pode ser um sujeito ativo, investigando e indagando o porquê dos fenômenos. Algumas classificações de trabalhos de campo definem papéis didáticos das saídas de campo, que são definidas por Compiani e Carneiro (1993), como:

“(...) funções que determinada atividade assume dentro do processo de ensino-aprendizagem, decididas de maneira deliberada ou não, que exercem algum significado para o alcance dos objetivos didáticos” (Compiani e Carneiro 1993, p.90).

Os parâmetros utilizados pelos autores para classificação são: objetivos didáticos pretendidos, visão de ensino presente, emprego/questionamento dos modelos científicos existentes, método de ensino e relação docente-aluno e, ainda, a lógica predominante no processo de aprendizagem. A associação entre dois ou mais os parâmetros permite classificar as saídas de acordo com seu papel didático em: motivadoras, treinadoras, indutivas, investigativas e ilustrativas (Compiani e Carneiro 1993).

Atividades *motivadoras* pretendem despertar o interesse e a curiosidade dos alunos para determinado problema, valorizando a vivência que o aluno já possui do meio. É uma aprendizagem formativa

na qual o aluno é o centro do processo.

Saídas de campo *treinadoras* objetivam treinar habilidades, geralmente com o uso de instrumentos e aparatos científicos e requer conhecimentos prévios dos alunos. A sequência de atividades é determinada pelo professor e o aluno deve realizá-las. Essa categoria é ao mesmo tempo formativa e informativa.

A atividade *ilustrativa* é centrada no professor; serve para reforçar ou mostrar os conteúdos estudados em sala, sendo considerada a mais tradicional de todas, reafirmando o conhecimento como produto acabado. Os alunos são expectadores, devendo o professor definir o ritmo das atividades e indicar o que deve ser observado no campo.

Nas atividades *indutivas* o professor conduz os alunos, ou faz com que estes sigam um roteiro pré-determinado; os alunos devem resolver um problema dado; o ensino é dirigido e semi-dirigido, centralizando as atividades desenvolvidas pelos alunos, mas os alunos avançam na direção que o professor desejar.

Atividades *investigativas* possibilitam ao aluno a resolução de problemas no campo e a elaboração de hipóteses para serem pesquisadas. Nesse caso, o aluno é o centro e decide os passos para sua investigação. O professor esclarece as dúvidas dos alunos e os orienta. Esta saída valoriza o conhecimento prévio dos alunos.

Scortegagna (2001) complementa a proposta de classificação de saídas de campo, ao introduzir as saídas de campo *autônomas*, nas quais o aluno vai ao campo sem a presença do professor, trazendo suas anotações, amostras e imagens para serem trabalhadas em sala de aula.

RESULTADOS

Perfil dos professores

Na primeira parte do questionário, buscou-se caracterizar o grupo de professores envolvidos, levando-se em consideração a graduação, a instituição, o ano de conclusão, o tempo de atuação no magistério, a existência ou não de curso de pós-graduação. As informações têm importância para averiguar se o grau de estudos do professor, o tempo de magistério ou o ano de conclusão são condições que influenciam na realização ou não de práticas de campo. Os resultados obtidos foram:

- Todos os professores entrevistados são

graduados em Geografia.

- Com relação à instituição de formação, somente três professores entrevistados não fizeram seu curso de graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG.
- O ano de conclusão do curso de graduação varia de 1973 a 2006, portanto, um intervalo de 33 anos. A diferença é significativa, visto que não concentra a pesquisa em um determinado período de formação dos professores, mas envolve amplo intervalo temporal.
- Para caracterização do grupo de professores adotou-se o tempo de atuação no magistério, que varia de três anos a 23 anos de dedicação. A informação permite verificar que muitos professores passaram pela fase de adaptação, possuindo proposta de trabalho consolidada na carreira do magistério.
- Outro aspecto verificado no que diz respeito à formação do docente é sobre a existência ou não de curso de pós-graduação. O contato com novos temas, abordagens e pesquisas, após a graduação, permite um aperfeiçoamento que nem sempre é alcançado com estudos individuais. Dos 46 docentes que responderam ao questionário, três concluíram mestrado, 27 cursaram pós-graduação e 16 possuem graduação em Geografia – Licenciatura.

Indicadores de Avaliação

Foram elaborados três indicadores de avaliação, visando identificar padrões, convergentes ou não, que os professores adotam ao executar ou não trabalhos de campo e a importância que os docentes atribuem a essas atividades, independente de as realizá-las ou não, descritos abaixo:

1. Realização de atividades de campo: esse indicador leva em conta os procedimentos adotados pelos 27 professores entrevistados que realizam atividades de campo. Para tanto, busca-se compreender como esta atividade é desenvolvida pelos professores de Geografia, considerando:

- a) frequência das saídas,
- b) locais das saídas,
- c) preparação dos alunos para o campo,
- d) trabalhos interdisciplinares,
- e) classificação didática das saídas,
- f) interesse dos alunos,
- g) atividade de avaliação pós-campo,

h) utilização de material de apoio.

2. Não-realização de atividades de campo: essa categoria possibilita averiguar junto aos 19 professores entrevistados que não promovem atividades de campo, quais motivos para não-realização dessas atividades na disciplina de Geografia.

3. Importância atribuída às atividades de campo: independentemente do fato de o professor realizar ou não atividades de campo, esse indicador considera a relevância que ele confere às atividades como metodologia de ensino-aprendizagem, na disciplina Geografia. Para tanto, foram considerados três aspectos:

- a) aprendizagem efetivada com trabalhos de campo,
- b) dificuldades para realização de trabalhos de campo,
- c) influência que a realização ou não de trabalhos de campo desenvolvidos no curso de graduação exerceu na opção ou não de realizá-los.

Indicador de Avaliação 1 - Realização de atividades de campo

Nesse indicador estão manifestadas as respostas dos professores que realizam atividades de campo como metodologia em suas aulas, incluídos nesse grupo 27 professores, totalizando 58,6% dos pesquisados.

Ao buscar fundamentos para tal verificação, atenta-se para o fato de esses professores terem participado de saídas de campo ao longo de seus respectivos cursos de graduação. Verificou-se que a grande maioria dos professores (93%) concluiu cursos na UEPG. Dos 27 professores que utilizam trabalhos de campo em Geografia, 26 afirmam que a participação em atividades de campo durante a graduação foi decisiva na opção de realizar a atividade em sua carreira docente. A informação é importante pois evidencia que atividades de campo durante o curso de graduação influenciam a opção por esse método de ensino pelos futuros professores.

Outro ponto analisado no indicador sobre professores que realizam trabalhos de campo foi a frequência com que as atividades de campo são realizadas: verifica-se que grande parte dos professores entrevistados respeita certa frequência das saídas de campo, como parte do cronograma dos planos de aula. Em escolas públicas, mais de 35% dos professores realizam as atividades uma vez por bimestre, 24% as realizam uma vez por semestre, e 18% saem a campo com os alunos uma vez por ano.

Tabela 1. Locais escolhidos pelos professores para realização de visitas de campo no município de Ponta Grossa, PR

Local das saídas	Motivo da escolha do local	Escola	
		pública	particular
Parque Estadual de Vila Velha	Relevo, rochas, educação ambiental e isenção da taxa de entrada	7	2
Buraco do padre e Furnas	Relevo e hidrografia	4	1
Arroios próximos da escola	Relevo, hidrografia, urbanização e sem custo de transporte	3	2
Cavernas: Olhos d'água e Andorinhas	Relacionado ao conteúdo	3	4
Canyon Guartelá	Relacionado ao conteúdo	3	1
Curitiba, Paranaguá, Foz do Iguacu e Lapa	Relevo, clima, vegetação, hidrografia e aspectos históricos	5	2
Fórum de Ponta Grossa	Noções de cidadania	1	0
Batalhão da Infantaria Brasileira	Cartografia	1	1
Observatório Astronômico	Conteúdo da 5 série	2	0
Indústrias	Relacionado ao conteúdo	0	1
Depende do conteúdo		0	5
Não respondeu		2	1

Nas escolas particulares, o resultado foi que 45% dos professores realizam atividades de campo uma vez por ano, 35% as realizam uma vez por semestre, e apenas 8% as realizam uma vez por bimestre.

Os locais onde são realizadas as saídas de campo vão desde locais próximos das escolas (Tab. 1), até áreas distantes mais de 500 km, como a cidade de Foz do Iguacu. Os temas principais das atividades são principalmente conteúdos relacionados a Geografia Física, como relevo, hidrografia, vegetação.

A partir das respostas dos 27 professores que realizam trabalhos de campo, verificou-se que o contato com o objeto de estudo nunca é feito a partir do campo; os alunos sempre vão a campo sabendo o conteúdo a ser observado in loco; o procedimento foi verificado tanto na rede pública quanto na rede particular. Dos 27 professores, dois não utilizam material de apoio ao realizar saídas de campo. Todos os demais usam algum tipo de material que auxilie na execução dos trabalhos de campo. São materiais variados: mapas, cartas, bússolas, textos e outros.

Todos os docentes que realizam atividades de campo declararam o interesse acentuado dos alunos pela metodologia. Muitas vezes os docentes, ao expor problemas relacionados com sua profissão, reclamam do alto grau de desinteresse e desmotivação dos alunos. Consta-se que a preocupação inexistente quando se realizam atividades de campo. Somente um professor não realiza atividades avaliativas após o trabalho de campo, os demais o fazem, sendo citadas: avaliações, seminários, debates, pai-

néis e relatórios.

Indicador de avaliação 2 – Não-realização de atividades de campo

Dos 46 professores pesquisados, 19 docentes não realizam atividades de campo, o que corresponde a 41%. Nesse indicador nota-se distinção significativa nas respostas dos professores das escolas da rede pública em relação aos da rede particular. Os docentes da rede pública de ensino apontam como um dos maiores impedimentos para não-execução das atividades a falta de recurso financeiro dos alunos, oito professores citaram a indisponibilidade financeira dos alunos, para aquisição do transporte, visto que nem sempre é possível adquirir transporte gratuito junto à prefeitura municipal da cidade. Já nas escolas da rede particular, a falta de tempo do professor é apontada como o maior desafio a ser superado para a execução de trabalhos de campo.

Professores da rede particular e também da rede pública registram a responsabilidade sobre o aluno como um fator para não-realização de trabalhos de campo; sete professores apontaram tal responsabilidade como fator impeditivo.

Indicador de avaliação 3 – Avaliação da importância das atividades de campo

Nesse indicador foram consideradas as respostas dos 46 professores que responderam ao questionário, sem levar em conta o fato de se realizar ou não trabalhos de campo. As questões visam avaliar

se o professor considera importante ou não a metodologia no processo de ensino-aprendizagem e a concepção do professor sobre os papéis didáticos que as atividades de campo assumem no aprendizado da Geografia. Perante inúmeras possibilidades metodológicas apontadas pelos professores entrevistados quanto a importância na realização de práticas de campo, as respostas foram agrupadas em cinco categorias principais, destacadas pelos educadores em suas respostas; há professores que mencionaram mais de uma possibilidade.

- Possibilidade 1 – **Alia teoria e prática**

Verificar em campo de forma prática o conteúdo concebido em aula foi apontado por vinte e um professores como um grande aliado ao realizar trabalhos de campos nas aulas de geografia.

- Possibilidade 2 – **Favorece a observação, o contato com o meio, com o objeto a ser estudado ou investigado**

Segundo dezessete docentes, o fato de a metodologia proporcionar a observação do meio ancorado no conhecimento científico, visto que muitas vezes a visita é realizada no local de vivência dos alunos, faz toda a diferença na construção do conhecimento.

- Possibilidade 3 – **Desenvolve motivação para o aprendizado dos alunos**

O fato de o ambiente de campo ser diferente da sala de aula faz com que os alunos sintam-se mais motivados a questionar e participar, segundo relatos de treze docentes, há alunos que, no contexto da sala, não participam, e quando vão a campo, sentem-se mais libertos para questionar, mesmo porque em campo há possibilidade de o aluno utilizar os cinco sentidos, fato praticamente nulo em sala de aula.

- Possibilidade 4 – **Aumenta cooperação entre as partes envolvidas**

Ainda para alguns professores, outra contribuição das saídas de campo é o fato de possibilitarem a socialização maior do grupo como um todo: o campo é o local para reforçar laços afetivos com o meio natural e entre os membros do grupo.

- Possibilidade 5 – **A visualização é essencial para a aprendizagem**

Doze professores salientam que parte considerável da compreensão do conhecimento geográfico passa pelo olhar, sendo intrínseca dessa ciência a observação da paisagem. Para esses docentes, o fato de o aluno visualizar alguns conceitos geográficos (principalmente físicos), facilita o entendimento desses.

DISCUSSÃO

Atualmente, os docentes precisam transpor inúmeros percalços para exercer sua profissão de forma plena, sendo um deles o desinteresse proeminente dos alunos. Para tanto, é importante que os professores estejam atentos e acessíveis a novas metodologias de ensino, que sejam eficientes e comprometidas com o processo de ensino-aprendizagem.

No processo de construção do conhecimento geográfico, há necessidade de formas novas de pensar e fazer para revalorizar o espaço de vivência, que possa contribuir na educação do aluno cidadão, visto que há casos em que esse processo está centrado no discurso oral do professor e em aulas exclusivamente expositivas. Entende-se que, rompendo os muros da sala de aula, por meio de trabalhos de campo, o ensino de geografia poderá contribuir para distintas leituras de reflexão do espaço. O ambiente escolar tem sido local que investiga pouco, quando nada, o conhecimento extra-escolar, distanciando o conhecimento científico do cotidiano dos alunos. A realização de práticas que enfoquem o local e o lugar de vivência pode possibilitar que o aluno perceba a inter-relação entre aspectos físicos e humanos, tão comumente questionados no saber geográfico.

Levando-se em consideração o Indicador referente à *realização de atividades de campo*, constatou-se predomínio de trabalhos com enfoque temático para Geografia Física. A verificação pode ser reflexo também das atividades desenvolvidas pelos professores nos cursos de graduação, visto que a maioria das atividades desenvolvidas foi voltada para conteúdos dessa área da Geografia. Entretanto, pode-se admitir que a situação natural privilegiada da região onde Ponta Grossa está localizada, os Campos Gerais, favorece a execução das atividades. Locais como: Parque Estadual de Vila Velha, Buraco do Padre, Furnas, *Canyon* Guartelá, cavernas e arroios próximos da escola são locais muito visitados a fim de promover trabalhos didáticos pelos professores de Geografia. É considerada uma região singular em termos geológicos e possui atrativos relacionados ao seu patrimônio natural.

“Não por acaso diversas instituições de ensino, paranaenses ou não, elegeram-na como laboratório prático para atividades diversas nas Geociências. Uma avaliação mais atenta dos roteiros dos trabalhos de campo dos cursos de Geologia do país revela que, no mínimo, 50% dos geólogos brasileiros tiveram sua formação construída a partir do estudo de exemplos

da região (geomorfologia, paleontologia, estratigrafia, ambientes de sedimentação etc.). Certamente esse número se ampliará para quase 100% se for levado em conta que são raros os livros didáticos nacionais de Geologia Geral, ou de disciplinas específicas, que não cite feições de relevo, fósseis ou unidades geológicas definidas na região” (Guimarães et al. 2009, p.6).

Por isso a região é tão importante, sendo considerada até mesmo como um “laboratório didático” ao ar livre, atraindo estudantes, pesquisadores e turistas do país inteiro e de fora dele também.

Ao se analisar a classificação didática das saídas de campo realizadas pelos professores, fica clara a opção dos professores em realizar trabalhos de campo que exercem papel de ilustrar o conteúdo que já foi visto anteriormente em sala de aula. Para Compiani e Carneiro (1993) “nessa visão, aprende-se Ciência informando-se sobre seu repertório. Portanto, a tendência é reafirmar o conhecimento como produto acabado e inquestionável”; esse tipo de saída ocorre principalmente no final da disciplina ou do conteúdo estudado. Entretanto, número considerável dos professores entrevistados gostaria de desenvolver atividades de campo treinadoras com seus alunos, que possibilitam a operação de aparelhos e aparatos científicos. São excursões que visam principalmente o aprendizado sequencial de habilidades, em graus crescentes (Compiani e Carneiro 1993).

Ao realizar atividades de campo, é importante que o professor promova trabalho avaliativo para que haja sistematização das informações por parte dos alunos, e também para que o professor mensure se os objetivos propostos com o trabalho de campo foram alcançados. Além disso, caso o professor não realize nenhuma atividade ou trabalho avaliativo, a saída pode ter viés mais turístico que didático. As atividades avaliativas pós-saídas são importantes também para verificação da metodologia empregada pelo professor, “servindo de direcionamento para seu trabalho, na medida em que permite a reformulação de suas estratégias diante de possíveis constatações negativas” (Archela e Calvente 2008, p.154). Segundo Brusi et al. (2011), as atividades de avaliação propostas antes, durante e após as atividades de campo deve promover um processo de aprendizagem construtiva e significativo para o aluno e deve ser compatível com a metodologia proposta da atividade de campo.

Todos os 27 professores que promovem trabalhos de campo, quando questionados sobre *interdisciplinaridade* nas atividades que promovem, afirmam que a saída tem esse foco e que, na maioria dos casos, professores de outras áreas acompanham as atividades em campo. Segundo Fazenda (2002) o pensar interdisciplinar parte do pressuposto de que nenhuma forma de conhecimento é exaustiva em si, mas tenta o diálogo com outras fontes do saber, deixando-se irrigar por elas, até mesmo porque nenhuma ciência é passível de existir por si só, sem necessitar de sabedorias advindas de outras áreas do conhecimento.

Ao analisar a resposta dos professores sobre interdisciplinaridade em trabalhos de campo, verifica-se que os mesmos não buscam um enfoque interdisciplinar, mas sim multidisciplinar, que é definido como “conjunto de disciplinas justapostas sem nenhuma cooperação entre elas” (Pombo 2006, p. 6). Fica claro, pelas respostas dos professores, que outros docentes, de diferentes áreas, acompanham as saídas, mas não é declarada a existência de algum projeto coletivo que estructure e direcione o trabalho realizado com os alunos.

Verificou-se predominância de uma abordagem tradicional de ensino dos professores, visto que todos realizam atividades de campo após o conteúdo ser trabalhado em sala. O professor informa e conduz os discentes, exclusivamente, em função de objetivos que lhe coube formular. De acordo com o modelo e visão de ensino, esse tipo de saída de campo se caracteriza principalmente como ilustrativa (Compiani e Carneiro 1993). Existem, entretanto, professores que partem do princípio de que é importante estudar o local de vivência dos alunos para que, a partir do estudo da escala local, os alunos possam compreender escalas maiores. Evidencia-se aqui a possibilidade de fazer com que os professores tenham não só a visão de que o campo serve de ilustração, mas fazer com que os mesmos conheçam outras possibilidades de trabalho de campo, visto que é grande o número de professores que utilizam a metodologia.

CONCLUSÕES

Todos os professores consultados na pesquisa que realizam atividades de campo acentuam o grande interesse dos alunos por esse tipo de atividade e valorizam a aprendizagem efetiva que obtêm. Dentre os professores que não realizam atividades, constatam-se dificuldades sobretudo de ordem

financeira, mas também foram mencionadas falta de tempo, planejamento e também a grande responsabilidade que o professor assume ao levar os alunos para fora do ambiente escolar.

Dois motivos principais estimulam professores que lecionam a disciplina de Geografia no município de Ponta Grossa a utilizar atividades de campo como metodologia. Primeiro, é preciso reconhecer o fato significativo de terem sido realizadas atividades de campo regulares nos respectivos cursos de graduação, porque todos os entrevistados, exceto um, formaram-se na UEPG; ao se analisar as respostas dos docentes para a última pergunta do questionário, a qual investiga *se foram desenvolvidas atividades de campo no curso de graduação e se estas influenciaram a utilização da metodologia em sala de aula*, todas as respostas foram afirmativas. A segunda evidência que induz o desenvolvimento de inúmeros trabalhos de campo no município de Ponta Grossa e arredores é o fato de a região apresentar muitos atrativos relacionados a patrimônio natural (geológico, geomorfológico), não só para o ensino superior como também no ensino básico.

Os professores que realizam atividades de campo preocupam-se com novas metodologias de ensino, buscam conquistar o interesse dos alunos e estão atentos à importância que o conhecimento do local pode trazer para a vida do aluno. Merece destaque e deve ser divulgada a quantidade considerável de professores que realizam atividades de campo em Geografia e que acreditam na importância da metodologia no processo de construção do conhecimento. Aponta-se aqui o extraordinário papel desempenhado pelos professores do curso de Geografia na UEPG para que atividades de campo sejam frequentes no município.

Os resultados da pesquisa salientam outras possibilidades que podem ser exploradas pelos docentes, admitindo novas formas de utilização. Um professor que utiliza o campo como forma de ilustrar um conteúdo, ou ainda com um roteiro pré-determinado, sabe o resultado que os alunos chegarão. Iniciar um conteúdo ou um assunto no campo é outra forma de realizar atividade de campo, que pode despertar ainda mais o interesse dos alunos para determinado problema, além de valorizar a vivência e o conhecimento que o aluno possui do meio. Toro e Morcillo (2011) abordam atividades de campo no ensino secundário da Espanha e Dinamarca; revelam que as atividades de campo assumem valor inestimável ao permitir trabalhar as dimensões afetiva, cognitiva e de alfabetização

ambiental com os alunos. Na dimensão cognitiva, se um trabalho de campo é bem executado, poderá construir no aluno a concepção cidadã, fazendo-o interessado na sua região e se comprometendo com sua proteção e desenvolvimento. Atualmente são comuns as referências a temas como “desenvolvimento sustentável”, “patrimônio natural” “educação ambiental”, que precisam ser estudados e debatidos na escola. Nos três temas, dentre outros, o campo pode desempenhar papel fundamental, ao colocar o aluno/cidadão no contato com o meio, entendendo as relações complexas que se estabelecem e sendo capaz de intervir na realidade.

Espera-se que o resultado da pesquisa estimule professores que ainda não se interessam por esse tipo de atividade e, para aqueles que já as utilizam, sirva de referência, ao indicar várias facetas de usos similares, praticados por número considerável de colegas.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os professores que participaram da pesquisa, contribuindo de forma efetiva com suas experiências relacionadas às atividades de campo na disciplina de Geografia e ao Prof. Dr. Pedro Wagner Gonçalves, por sugestões e oportuna revisão do manuscrito.

Referências

- Archela R.S., Calvente M.C.M.H. orgs. 2008. *Ensino de geografia: tecnologias digitais e outras técnicas passo a passo*. Londrina: EDUEL. v. 1, 163p.
- Berger D.G., Correa V.R., Silva Z.Z. 1999. *O trabalho de campo: relato de experiência*. VIII ENDIPE. 08 maio de 1999.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. 2001. *Parâmetros Curriculares, Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: temas transversais*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Fundamental.
- Brusi D., Zamorano M., Casellas R.M., Bach J. 2011. Reflexiones sobre el diseño por competencias en el trabajo de campo en Geología. *Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, **19**(1):04-14.
- Carneiro C.D.R. 2008. *Os gastos com aulas de campo do Curso de Geologia da UFPR*. Aulas de campo em cursos de graduação de Geologia: o que são e para que servem? Campinas: IG-Unicamp. (inédito).
- Carneiro C.D.R., Gonçalves P.W., Negrão O.B.M., Cunha C.A.L. 2008. Docência e trabalhos de campo nas disciplinas Ciência do Sistema Terra I e II da Unicamp. *Rev. Bras. Geoc.*, **38**(1):130-142. (março 2008). URL: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rbg/article/view/9816/8972>. Acesso 14.03.2011.
- Compiani M. 1991. A relevância das atividades de campo

- no ensino de Geologia na formação de professores de Ciências. *Cadernos IG/Unicamp*, **1**(2):2-25.
- Compiani M. 2007. O lugar e as escalas e suas dimensões horizontal e vertical nos trabalhos práticos: implicações para o ensino de ciências e educação ambiental. *Ciência e Educação*, **13**(1):29-45.
- Compiani M., Carneiro C.D.R. 1993. Os papéis didáticos das excursões geológicas. *Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*. **1**(2):90-98. URL: <http://www.raco.cat/index.php/ECT/article/view/88098/140821>. Acesso 18.03.2010.
- Correa R. L. 1996. *Trabalho de campo e globalização*. Trab. apres. colóquio "O discurso Geográfico na Aurora do século XXI". Progr. Pós-Graduação em Geografia, UFSC. Florianópolis: 27-29.nov.1996.
- Fachin O. 2006. *Fundamentos de Metodologia*. 5 ed. São Paulo: Saraiva.
- Fantinel L.M. 2000. *Práticas de campo em fundamentos de geologia introdutória*: papel das atividades de campo no ensino de fundamentos de geologia no curso de geografia. Campinas: Inst. Geoc. Unicamp. (Dissert. Mestr., Educ. Aplic. Geociências).
- Fazenda I.C.A. 2002. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. 5 ed. São Paulo: Loyola.
- Guimarães G.B., Melo M.S., Mochiutti N.F. 2009. *Desafios da geoconservação nos Campos Gerais do Paraná*. *Geologia USP, Publ. Esp.* **5**:47-61.
- Justen R. 2010. *Trabalhos de campo na disciplina geografia* : um olhar sobre a educação básica em Ponta Grossa (PR). Campinas: Inst. Geoc. Unicamp. (Dissert., Mestr. Ensino e História de Ciências da Terra). URL: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=000774543&opt=1>. Acesso: 04.04.2011.
- Justen R., Carneiro C.D.R. 2009. Trabalhos de campo no ensino de geografia em estabelecimentos de ensino de Ponta Grossa, PR. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 10, Porto Alegre, 30.ago a 2.set de 2009. *Anais...* Porto Alegre, ENPEG. 12p.
- Pombo O. 2006. Contribuição para um vocabulário sobre Interdisciplinaridade. Disponível em: < <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/vocabulario-interd.pdf>. Acesso em 29/05/2013.
- Nidloff M.T. 1983. *A escola e a compreensão da realidade*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense.
- Scortegagna A., Negrão O.B.M. 2005. Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático. *Terrae Didactica*, **1**(1):36-43. URL: http://www.ige.unicamp.br/terraedidactica/v1/v1_a3.html. Acesso 04.04.2011.
- Scortegagna A. 2001 *Trabalhos de campo nas disciplinas de geologia introdutória* : cursos de Geografia no Estado do Paraná. Campinas: Inst. Geoc. Unicamp. 122p. (Dissert., Mestr. Educ. Aplic. Geociências).
- Sorrentino M, Lesting S. 2008. As contribuições a partir do olhar atento: estudos do meio e a educação para a vida. *Ciência e Educação*, **14**(3):601-619.
- Tomita S.M.L. 1999. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. Londrina, *Geografia*, **8**(1):13-15.
- Toro R.del, Morcillo J.G. 2011. Las actividades de campo en educación secundaria. Un estudio comparativo entre Dinamarca y España. *Rev. de la Enseñanza de las Ciencias de la Tierra*, **19**(1):39-47.